

FOLHA DE VILLA VERDE

REDACTOR PRINCIPAL — GASPAR LEITE

Representante da empresa e responsavel — MANOEL JOAQUIM ANTUNES

ASSIGNATURAS PAGAS ADIANTADAS — Anno 1\$500 réis. — Semestre 800 réis. — Anuncios cada linha 40 réis, pagos antes da publicação do primeiro annuncio, communicados 50 réis a linha. A correspondencia deve ser dirigida ao redactor principal, na sede da redacção em BRAGA, Campo de Sant'Anna.

Villa Verde—1887

QUE SORTE!

O *Regenerador*, com muita graça, acrescenta ás occurrencias succedidas na freguezia de Penascaes esta: que foi entregue a S. Exc.^a, o Snr. Arcebispo Primaz, uma participação etc. Andam d'estes fazedores de garatuja a conspurcar o jornalismo!

Então uma participação, que se entrega ao Prelado, é uma occurrencia succedida em Penascaes?

E que vem a ser occurrencias succedidas, snr. José Miguel Affonso?

A nós pouco nos importa, que sejam enviadas ou não para os tribunaes ecclesiasticos participações sobre o caso.

Isso em nada invalida o conceito em que temos o *Regenerador*—de mentiroso; pelo contrario, talvez venha a fazer carga contra o alludido jornal, quando não se prove, como presumimos, o que se allegar na participação.

Acreditamos mesmo que, se o participante se orientou na sua queixa pelas torpes insinuações do *Regenerador*, nada provará.

O *Regenerador*, n'aquelle trecho, lavrou, n'um apontado d'aleivosias, o documento seguro da sua malevolencia e dos seus instinctos de perseguição a quantos não commungam do seu credo politico.

Em toda a narrativa do *Regenerador*, o que ha de verdadeiro é que, no acto da communhão, o rev.^a abbade de Penascaes passou adiante uma certa fulana, por motivos que s. exc.^a conhece e que não tem obrigação de descobrir a qualquer Zé Miguel, que lhe surja d'encruzilhada.

Ha mais de verdade que a dita fulana, muito bem ensaia-

da, desatou n'um berreiro medonho, n'umas irreverencias ao templo e provocações ao seu parochio, que este foi constringido a fazel-a sahir da igreja.

E mais nada, snrs. romanistas do *Regenerador*! Não venham architectar sobre o facto de negar-se a communhão d'honesta e virtuosa Emilia, umas coisas medonhas. V. exc.^{as} de papões teem pouco. Incutem nenhum medo. De resto, todos sabem que obedecem cegamente a um plano de perseguição á respeitavel pessoa do nosso amigo abbade de Penascaes, que os assombra como potencia e caracter politico. O *mano* tambem tentou avexal-o.

Está ainda na lembrança de todos a solicitude, o afan, o ardente entusiasmo com que o dito *mano* quiz envolvel-o na leria d'um passaporte!

São sempre os mesmos estes sucios. Até se lhes conhece a má fé em dizerem no aranzel que «não sendo facil ao reverendo, sendo até perigoso, castigar o eleitor rebelde, foi escolhida a filha para victima da desobediencia paterna.»

Monumental disparate!

Pois não vedes, pachidermes, que, se o abbade houvesse de recear as iras do eleitor rebelde (uma bella pessoa!), tanto devia temel-as offendendo-o na sua propria entidade, como offendendo-o na entidade—filha?!

Mas para que mais?

A questão está affecta aos tribunaes competentes. A honesta e virtuosa Emilia com o digno papé responderão pelos seus descatos perante o juizo; a participação entregue, como dizeis, ao Prelado seguirá seus termos — e até o menino *Regenerador*, por ser alicante, tem d'obter um testa de ferro, que o substitua, em breve, no banco dos réos.

Por fim um conselho, snrs. escribas: Dêem na lingua um banho de potassa. Não se importem com os padres que to-

mam parte em comicios, nem inventem que elles fazem politica do altar. Não julguem o presbyterio um harem.

Em menos palavras, conceituando os outros não se objectivem, exc.^{as} do *Regenerador*!...

Tenham boa educação, para não chamarem padres desencabreados aos que não apoiam, com quanto respeitem, as crenças politicas de v. exc.^{as}

Esta garotice, como está, pouco offende, mas percebe-se que o *gawoche* quiz afertoar.

Sabem que mais, pequenos?

Como não hão d'andar sem cabresto os padres, se a vossa grei os consome todos?

AO PUBLICO E AO SNR. CARLOS DA CENHA PIMENTEL

E' simplesmente lacrimavel o snr. Carlos Pimentel!

Se não tivessemos nojo d'essa individualidade tão baixa e réles, era possivel que lhe votassemos ainda um pouco de compaixão.

Respondeu exactamente aquillo que já tinhamos previsto e o que tambem previsto foi por alguns dos nossos amigos, quando lêram a resposta que demos a esse individuo, em o ultimo numero da nossa folha.

Os covardes responderam sempre d'esse modo.

Hontem ainda lhe faríamos a honra de o encarar face a face, hoje já não o podemos fazer; revolta-se contra isso a nossa dignidade. Hoje apenas seremos obrigado a enxotal-o do caminho, se por acaso o encontrassemos a tomar a nossa passagem.

Que lhe constou, diz elle,

que nós o atacavamos em o nosso jornal!

Que lhe constou!!!

Com que então não esperava uma resposta condigna á sua dialectica galega!?

E' tolo ou ignorante, ou ambas as coisas juntas, não ha outra conclusão mais logica e racional.

Se pretende com essa ingenuidade de cabo de esquadra mostrar ao publico que não é o auctor dos mil insultos arremessados ao redactor d'esta folha e a outros cavalheiros, engana-se; é poeira que já não cega, principalmente desde as suas declarações feitas ao proprietario d'um jornal que se publica na cidade de Braga.

Um conselho:—Não pretenda imprimir á sua pessoa uns ares truanescos de espadachim valoroso, pois arrisca-se a imitar com a mais fiel correcção o legendario heroe, creado pela imaginação fecunda do immortal D. Miguel de Cervantes Saavedra.

Para lhe provarmos que algumas pessoas da sua familia nos tiveram sempre em conta mais subida do que o snr. recebedor Pimentel, bastaria transcrevermos algumas cartas que temos em nosso poder, ou então relatarmos uma importante missão que nos foi confiada, quando governador civil n'este districto o snr. dr. Antonio José Teixeira; mas não o fazemos, e não o fazemos, porque á parte qualquer resentimento politico, tivemos sempre para com esses cavalheiros o maximo respeito e consideração.

Em quanto aos nomes feios

que são as culpadas, deixando-se illudir e prender com os falsos madrigaes dos modernos Lovelaces. Se todas fossem desconfiadas como eu...

Seguia-se a *palmodia* do costume. Uma grande severidade para com o sexo a que pertencia, e uma grande indulgencia para com os homens... apesar de desconfiar d'elles.

No baile da baroneza de S..., uma interessantissima velha, que nos fazia esquecer os invernos que contava pela sua illustração, pouco vulgar, e pelo espirito, profundamente observador, que a caracterisava, a Ritinha trajava uma elegante toi-

que nos chama, temos a dizer, que o snr. recebedor Pimentel é que é um biltre, um canalha e um covarde; um biltre, um canalha e um covarde sem dignidade nem sentimentos; um biltre, porque deixou enxovalhar a familia sem procurar uma desaffronta, (vid. *Folha de Braga*) um canalha e um covarde, porque nos vem insultar para o seu jornal, servindo-se até do nosso nome, e, quando lhe arremessamos a luva á cara, finge uns arreganhos pelintras de fadista réles, occultando-se á sombra d'uma dignidade que diz ter, mas que nós contestamos.

Havemos de o prender ao pelourinho dos covardes e dos insidiosos. Não julgue que é só vir á imprensa insultar e ficar isento de qualquer responsabilidade; engana-se, sim, engana-se, e nós lhe provaremos se está enganado ou não.

Diz elle, o snr. Pimentel, que a maior affronta que poderia fazer á sua pessoa era ter de se igualar a nós! Esta declaração, que poderia causar algum effeito, mas para quem não conhecesse o homem, visa unicamente a mostrar que a sua alta dignidade — que dignidade, Santo Deus! — não pôde nivelar-se com a nossa humilde pessoa. e assim por essa fórmula saloia pretende occultar o seu medo e a sua covardia.

Causa dó, causa até muitissimo dó!

Ao lixo, á lama, á estrumeira com taes individualidades!

Ainda ao concluir, por hoje. Se o snr. Pimentel tentasse, tentasse, *pense bem, SUJAR AS*

lette, composta de saia de *faille de crême* e corpete de velludo azul, decotado em quadrado.

Vinha radiante, a filha do conselheiro!

A baroneza com quem eu conversava n'essa occasião, segredou-me, ao avistal-a:

— Ah! vem a Ritinha, e tão contente, que ia apostar que ha novidade.

Com effeito a baroneza não se enganou.

Feitos os cumprimentos do estylo, a Ritinha começou a morder o labio inferior, signal evidente de que estava afiando a lingua.

— Então que me conta de novo, perguntou-lhe a baroneza?

— Nada, minha boa amiga.

FOLHETIM

O CORPETE AZUL

A filha do conselheiro havia tido uma mocidade cheia de decepções, *quarentesando* sem vêr convertido em realidade o sonho de toda a sua vida, o ideal a que aspirava desde os quinze annos: — casar-se.

Namoros, não lhe faltavam, mas o destino triumphara sempre dos seus mais ardentes desejos, conservando-a n'um celibato incommodo, que a torturava constantemente.

Foi, pois, com grande ma-

gua e desespero que a Ritinha (era assim que lhe chamavam), viu chegar o dia em que completava o seu 40.^o anniversario. O despeito apoderou-se então d'aquelle existencia despresada, e d'ahi por diante a filha do conselheiro tornou-se a mais encarnizada inimiga do seu proprio sexo, se é que já o não era antes.

Para ella não havia mulher sem *senão*; todas, sem excepção, tinham defeitos mais ou menos graves, que a Ritinha pintava com sinistras cores. E sempre que se tractava de alguma senhora, cuja virtude houvesse sido por qualquer modo maculada, a filha do conselheiro afiava a linguinha e cortava a torto e a direito. Era temivel. Escusado será, porém, di-

zer-se que a Ritinha, ao atacar as suas amigas, fazia, simultaneamente, realçar as suas virtudes.

— Não sei — dizia ella — não sei, nem posso comprehender, como ha gente que se deixe illudir pelas falsas palavras dos homens. Eu, por mim...

Se, porém, estava presente algum do sexo forte, o caso mudava de figura. A physionomia da Ritinha illuminava-se, pendia um pouco a cabeça para o lado direito, fixava docemente os olhos no rosto do seu interlocutor, e franzindo os cantinhos da bocca acrescentava:

— Mas... ninguem lhes deve querer mal por isso. Segundo a ordem natural das coisas, os homens fazem o seu dever, requestando. As mulheres é

mas, como diz na sua missiva aos amigos e collegas, nós teriamos a dignidade de não sujar as nossas, mas sim limpá-las com as botas no canalha que a tal se atrevesse.

E ficamos ás suas ordens. Para que o publico ande sempre a par d'esta tristissima questão levantada pelo *Regenerador*, continuamos a transcrever as repostas que temos dado a essa folha:

AO PUBLICO

Logo que appareceu á luz o *Regenerador*, periodico que se publica na cidade de Braga, começou desde logo, sem mesmo lhe havermos dado a honra de noticiar a sua appareição, a dirigir-nos toda a qualidade de improperios e insolencias, estendendo-as até a cavalheiros, que nada tem com esta redacção, mas que apenas nos honram com a sua amisade.

Estacionarmos quedos, ante essa torrente de insultos, não o permitia o nosso temperamento, nem tampouco a dignidade de jornalista, ainda que humilde e sem vaidades espalhafatosas. Respondemos e respondemos sempre, moldando as nossas respostas pelos insultos que nos eram dirigidos; mas a redacção do *Regenerador*, composta d'uns calumniadores vis, d'uns seres abjectos, d'uns coisas verdadeiramente miseraveis, entenderam na sua alta bestialidade, que lhes cabia o direito de insultar, não cabendo á redacção d'esta folha o direito de se defender.

Não obstante sabermos desde ha muito quem é um dos principaes autores d'esses doestos pelintras, o que nos foi affirmado por um cavalheiro muito da intimidade da redacção d'esse periodico, nunca aqui estampamos seu nome; mas hoje, em vista do modo porque se apresenta o ultimo numero do *Regenerador*, cumpre-nos tambem o direito de aqui dizer, que esse pasquinheiro de circo é o snr. Carlos da Cunha Pimentel, recebedor do concelho de Braga.

Nós é que teriamos nojo, asco até, de estender a mão a esse vil caluniador, que nos chama covarde e que de certo não terá o arrojo de vir ante o redactor d'este jornal dizer-lhe, cara a cara, aquillo que estampou no *Regenerador*.

Homens que não tem a coragem precisa, nem ao menos um palido reflexo de dignidade que os arraste a desaffrontar a familia offendida, são di-

gnos de repulsão e de serem arremessados ao monturo onde vegetam as coisas podres e gafadas.

Não se abstenha de enumerar os motivos que nos levaram a pedir a nossa exoneração; faça-o, e se lhe faltarem os dados precisos, recorra a seu irmão, o snr. dr. Jeronymo da Cunha Pimentel, que elle deve estar, com certeza, habilitado para o informar, porque nós mesmo lhe fornecemos, em uma epocha qualquer, os esclarecimentos necessarios.

Mas, para não estarmos a gastar cera com imbecilidades d'esta natureza, limitar-nos-hemos por hoje a dizer ao snr. Carlos da Cunha Pimentel, que a nossa morada é no campo de Sant'Anna n.º 19.

Para os leitores que não vieram a local da nossa folha, e que tanto exasperou o *Regenerador*, de novo a passamos a transcrever:

O «REGENERADOR»

Por mais que tentemos fazer entrar na ordem essa luminaria idiota, sargeta das mais torpes calinadas, repositorio dos mais tremendos desconchavos, nada até hoje temos conseguido, porque os onagros que ahí pinoteiam, são duros de bocca, resistindo mesmo ás fortes esporadas que lhes temos applicado nos lombos lazarentos, e ás compressas methodicamente adicionadas aos arielhos constelados de esparavões.

Lançam-nos á margem e ao pasto, elles, os pobres diabos, que nem ao pasto podem ir, porque o dono receia, por certo, ter de recorrer aos tribunaes e aos meirinhos, quando por ventura deseje receber com a promptidão legal o producto da herva consummada.

Não seja asno o snr. localista; deixe esse modo de vida, porque nada lhe está a calhar; agarre-se ao que lhe dá mais rendimento; não force esse bestunto de pederneira, não pretenda arrancar d'essa mioleira pejada de teias de aranha o que lá nunca existiu nem jámais poderá existir.

Nós temos visto, conhecemos até muito parlapatão, muitos pedaços de asno, que vão ás praças publicas exhibir umas valentias truanescas de palavriados, contra o homem que lhes offendeu a familia no que por certo lhe deve ser mais caro, e que depois, sem se lembrarem do papel anteriormente representado, abraçam essa individualidade, esse miseravel sér abjecto, porque entre a honra offendida e o vencimento d'uma eleição, entenderam

na sua alta *sabedoria* e na sua alta *dignidade* inclinarem-se pelo ultimo caso.

Ao finalizar, diremos ainda ao localista que, se por acaso entender na sua ingente bestialidade dever continuar a dirigir-nos couce de besta de almo-creve, aqui nos encontrará ás suas ordens para lhe responder como merece; nós sabemos tambem, quando assim o queremos, applicar sobre o costado de taes alimarias, com pulso vigoroso e forte, um fueiro rígido e nodoso.

PEROLAS E DIAMANTES

DOLORAS

I.

Astros de Deus, chorae as vossas lagrimas de luz!

Lá em baixo, entre aquelles cyprestes admirativos, por entre aquellas alvuras geladas dos marmores, d'envolta com as cruzes negras de ardozia, dorme ella o seu derradeiro somno.

Luar bemdito, protege-a com as tuas fulgurantes azas acariciadoras!

Lá está a sua sepultura, pequenina como ella. Toda florida como um roseiral em Maio. Cada uma das suas perfeições traduz-se n'uma flôr bem dita. Duas açucenas que se baloçam são os seus dois braços que me acenam. Os seus lindos olhos refflorescem n'aquelle par de jasmíns que brotam á flôr da cova, e os seus cabellos loiros desennastram-se em botões de oiro e myosotis.

Brisa dos cemiterios, que levás nos teus cicios tristes os ais das queridas coisas que se desabrocham nos lírios e nas violetas dos tumulos, acalenta-a com o seu bafo tepido, brisa ameigadora!

Dulcissima poesia do mysterio! Intima florescencia das coisas mortas!

Oh meu amor! oh minha gentil creança!...

Astros de Deus, luar bemdito, brisa acalentadora, não a desperteis, deixae-a dormir o derradeiro somno!

Se te ameii!

Se te amo cada vez mais, minha saudosissima fugitiva!

Eu vou sózinho de noite, pelo silencio das vergas esmeraldadas, pela soledade das ruinas cheias de mysterio, rompendo o crepe da treva ou as scintillações filigranadas do luar, e pergunto ao pyrilampo das

relvas, á madre silva dos caminhos, á hera dos choupos, tão teus intimos, se viram o teu ninho de lilazes e musgo, ou se te seguiram o vôo sereno cantando o ar perfumado no banho mórno das essencias da verbena.

Ai, minha dôce amiga!

Aquella madre silva que tu conheceste tão cheia de flores, tão noiva, que tu viste na lua de mel das abelhas; aquella hera tão meiga que dava ao choupo os abraços que aprendeste a dar-me, minha filha; aquelle pyrilampo que vinha poisar no oiro dos teus cabellos como uma saphira, ai, querido amor! todas essas coisas intimas me disseram que perguntasse á limpidez do lago pela sombra das azas da andorinha que transmigou; ao azul do ceo pela esteira luminosa da estrella que cahiu; á ondulação da brisa pelo perfume do lilaz que murchou.

E não obstante, eu, dia a dia, fito das clareiras o espaço indefinido, a vêr se descortino o traço das tuas azas, andorinha, o rastro luminoso do teu precursor, estrella!

Para que havias tu de emigrar tão cedo, vida da minha vida?

Pobre coração!

Se ainda a elle desço por essa escada luminosa de beijos dulcissimos que dos meus labios até lá lançaste um dia, minha querida noiva, é só por vêr o altar que ahí te levantei, só para cahir de joelhos ante a tua imagem sagrada, na santissima hyperdulia em que te adoro, tres vezes bem dita da minha alma!

Porque eu adoro essa tua imagem, cheio de resignação e amor, como quando fitava os meus olhos nos teus e ao vêr-me retratado na tua pupilla azul, humida, pensava vêr-me vogando n'uma gondola por um golpho de agoas limpidas, muito transparentes...

Pobre coração! Um dia derrocar-te-has como uma ruina e ahí onde foi o *sancta sanctorum* ha-de brotar, que o sinto eu, a herva daminha onde se acolta o lagarto verde, de olhos esportos e fugidio como esta esperanza que me delicia matando-me!

Anjos de Deus, espiritos bemditos, que vagaes na calada da noite por entre as murtas e os jasmíns das covas virginaes, se encontrardes umas lagrimas choradas no calix d'essas flores dos seus olhos, são minhas, pe-

filho da baroneza me arrancou á minha abstracção.

— Não vás para o caramanchão, disse-me elle. O patife do jardineiro deu-lhe hoje a mania de pintar os bancos, de fórma que a tinta não está ainda secca, e quem lá se sentar, fica pintado de verde.

Minutos depois, voltava á sala do baile. A baroneza, que n'aquelle momento se levantara para dar novas ordens, aproximou-se de mim, dizendo:

— Então que lhe pareceu a Ritinha? Eu não lhe disse, logo que a vi, que tinhamos novidade? O visconde — coitado! — teve a condescendencia de a tirar ha pouco para dançar. Se elle soubesse!

E affastou-se.

rolisae-as e engastae-as na corôa de sua immaculada pureza.

E' morta a gentil desposada da minha alma, a querida creança do meu amor...

Astros de Deus, chorae!

ATOMUS.

MANHÃ DE PRIMAVERA

AO DR. SIEUVE ZAGALIO

Como enorme cabeça ensanguentada
Suspensa do infinito,
Surge no azul da abobada sagrada,
O sol — astro bemdito.

Nas camélias de pétalas vermelhas,
De caprichoso talho,
Rehrilham como limpidas scentelhas,
As perolas do orvalho.

Os lírios brancos, puros como a neve,
Mostram a dôce alvura,
E espalham um perfume fresco e leve
D'uma estranha ventura.

Esvoaçam as pombas juvenes,
Vivissimas e mansas,
E agasalham-se dentro dos pombaes
Com medo das creanças.

Cantam os gallos fira dos poleiros,
Saudando o sol nascente;
Desabrocham os cravos nos craveiros,
D'aromas rescedentes.

Creanças pobres, louras e rosadas,
Em fralda, alegremente,
Escorraçam os gatos ás pedradas,
Que fogem de repente.

Bandos alegres d'aves palradeiras,
Em longas symphonias,
Empoleiram-se em cima das fructeiras
E salvam os bons dias.

E enquanto as mariposas, nos canteiros,
Buscam o dôce succo,
Ouve-se ao longe, em cima dos pinheiros,
Cantando um pobre cuco...

ABILLIO MAIA.

A montanha pariu ratiinho!

Augusto já fallou.

Até que, em fim, o nosso homem, o deputado eleito pela nossa terra, deu conta dos seus estudos!

Lá o temos em S. Bento cantando como um pintasilgo, enchendo d'orgulho quantos para lá o remetteram!

Sahiu-se, e foi bem feito! Não que diziam que elle, a respeito de letras...

E' para vêr!

Logo da primeira fornada, zás! nada menos de tres reque-

Nada, a não ser que fui esta manhã á tapada com o papá. Estava um dia muito bonito, mas muito frio!

— Effectivamente — tornou a baroneza — fazer-se n'este tempo um passcio á tapada, equival quasi a uma viagem á Sibéria. Quem lá fôr, morre gelado.

— Nem todos — replicou significativamente a Ritinha.

E depois de um diplomatico silencio, continuou:

— O visconde de C... parece até delectar-se n'aquella temperatura. Hoje, por exemplo, estava elle lá. Ah! muito vai rir, minha boa baroneza! Imagine que o visconde estava tão entretido a fallar com a mulher do A..., que nem sequer nos viu passar!

— E foi só isso que motivou o seu riso? — perguntou a baroneza.

— Oh! não, replicou ella. — Deu-me vontade de rir a cara do visconde, com os olhos em alvo... Ah! ah! ah!

E a Ritinha ria, ria!

— Quem sabe? — disse a baroneza. Talvez estivessem fallando nas coisas mais naturaes d'este mundo.

— Pois eram naturaes... eram... Ah! ah! ah!

E a Ritinha continuou a rir.

A conversa principiava a irritar-me, porque conhecia a senhora a quem se referia a filha do conselheiro, e sabia perfectamente que era incapaz de abusar da illimitada confiança que n'ella depositou o marido. Por

isso sahi da sala e dirigi-me para o jardim que, n'aquella occasião, principiava a ser illuminado á veneziana, sob a direcção do filho mais velho da baroneza.

A noite estava esplendida. No ceo azul escuro, nem uma pequena nuvem offuscava o brilho das estrellas que o constellavam; a temperatura, longe de ser fria, como é proprio do mez de Dezembro, era, pelo contrario, amena e tepida. Os canteiros que povoavam o vasto jardim da baroneza artisticamente dispostos, exhalavam uma variedade de perfumes, que enebriavam a alma, ao passo que o espirito divagava pelas regiões phantasticas do sonho...

Caminhava eu ao acaso, quando, repentinamente, a voz do

rimentos acerca de confrarias, tropas e recrutas! Se o apertarem, para a outra vez será peor!

E' capaz de pedir, pelo ministerio dos estrangeiros, certidão da embriaguez de Noé, e o relatorio da embaixada das rãs, quando pediram rei a Jupiter!

A questão é *parir* a primeira vez, que depois *vae de carinho!*

Não seria mau, senhor deputado, pedir nota das licenças concedidas ao snr. juiz de Lanhoso, que abandonava a comarca, a todos os momentos, para correrias politicas em Villa Verde e Amares!...

Queira tambem consultar na Penitenciaría sobre o *aproposito* d'este requerimento.

Historia hespanhola

Entre os nossos visinhos hespanhoes, escreve o nosso collega do *Economista*, ha muitos que são em tudo extremamente exagerados: — nas exclamações, nas allusões, nas referências, nas historias, e finalmente na maneira porque relatam os acontecimentos; mas tambem são em regra chistosos. Agora encontramos narrado, com certa graça, o caso de um parto extraordinario que teve uma mulher de Tarragona.

Refere o narrador que a comadre dissera á parturiente, depois de ter nascido o terceiro anjinho:

— Sim, minha senhora, agora ficará descansada!

— Mas eu ainda sinto dores... Terei por ventura outro?

— Pois a senhora acredita que o seu ventre seja alguma creche?

— Ai! ai! Jesus! as dores repetem-se.

— Mulher, está descansada, intervem o marido, tres filhos e o maximo. Tu não has de ser uma excepção da regra...

E todavia, momentos depois nasceu o quarto filho. Então o pae lançou repentinamente a mão de uma penna e puchou para si o tinteiro.

— Que vae fazer, senhor? pergunta a comadre.

— Que quer que eu faça? Vou numeral-os, porque já me não entendo com isto.

No mesmo instante repete a mãe: Ai! ai! Jesus! Isto ainda não está acabado.

— Oh! mulher, nem que tu fosses uma garrala inexgotavel, como aquellas de que usam os prestidigitadores.

— Oh! o homem, o que queres que eu faça?

— Filha, antes de continuares devo notar-te que nós já não temos em casa onde accommodar tanta gente.

A mulher não lhe pôde prestar attenção; estava dando á luz o seu quinto filho, e a comadre, aterrada, repetia:

— Nunca vi uma coisa assim! Eu já não tenho braços para aparar creanças, nem a senhora terá cadeiras para se esforçar.

— Filha, por Deus, exclama o marido, não tires mais exemplares!

— Outro! outro! replicou a mãe...

— Mulher, procura distribuir-te... pensa n'outra coisa...

E effectivamente nasceu n'aquelle instante o sexto filho, em quanto o pae clamava encolerizado:

— Não admitto mais rapazes em minha casa! Está levantada a sessão exclamou tocando a campainha.

COMMUNICADO

Montalegre, 16 de Abril

Ha annos que as redcas do governo ecclesiastico, n'esta co-

marca, passaram das mãos de um homem probo, recto e justo para as d'um outro, que é uma verdadeira antithese d'aquelle, com quanto digam os intendidos na *materia* que este ultimo foi feito de molde para umas *redcas* e seus correlativos.

A mudança, como era de presumir, agradou a uns e desagradou a outros; agradou a uns, porque viam n'ella um excesso de clemencia para com as fraquezas humanas de que o novo nomeado era um cumulo; desagradou a outros, porque, a seu vêr, a justiça em taes mãos não passava d'uma phantasmagoria.

Eu, de maneira nenhuma, perfilho taes juisos, mais ou menos pessimistas; por emquanto propor-me-hei sómente apresentar os dotes que recommendaram a escolha d'este ecclesiastico para Arcipreste, e a rectidão com que procede no desempenho do seu cargo.

Entro, sem presumpções de critico, na apreciação de seus actos, mas tambem com o coração consternado por não poder dizer d'um meu conterraneo cousas, que o honrem e nobilitem, porque só as ha que o deshonram e aviltam.

E' opinião geral que a nomeação do snr. reitor de Sapiãos para Arcipreste de Montalegre foi um erro de gravissimas consequencias.

Effectivamente: que auctoridade, que rectidão, que consciencia de seus actos pôde ter um homem ermo de illustração, exempto de virtudes civicas, completamente saturado de orgulho, não d'aquelle orgulho que nobilita, mas d'aquelle que avilta e apedanta?

Um homem de maneiras grosseiras e piadista chulo?

A resposta é facil. Revestido de todos estes predicados, o snr. Arcipreste revelou-se-nos uma perfeita machina movida pelo egoismo; e com quanto eu ame o seculo XIX com todos os seus inventos e o admire como seculo das *machinas*, todavia não posso levar a bem que elle nos apresente um Arcipreste *automato* movido por baixas potencias.

Foi caso estupendo, *monstrum ingens*, que só ao nosso povo estava destinado!

E não se diga que as minhas affirmações são filhas d'uma imaginação desvairada ou d'espírito despeitado, e por conseguinte alheias de toda a verdade.

(Continúa.)

LENDAS

O PRETO

No tempo da criação do mundo, Satanaz, vendo o Padre Eterno crear Adão d'um pedaço de barro, quiz tambem fazer o mesmo.

Pegou n'um pedaço de argilla, deu-lhe as mesmas voltas que vira dar-lhe Deus e depois insufflou-lhe a vida n'um sópro.

Mas com grande espanto e com grande raiva sua, esse bocado de barro, como tudo o mais em que elle tocava ficou negro: — o seu homem era um homem preto.

Alli ao pé corria limpido e transparente o branco rio Jordão. Satanaz teve uma ideia: lavar o homem para lhe tirar a negrura.

E pegou n'elle pela cintura, como se pega n'um cachorro, e mergulhou-o no rio.

Mas as aguas do Jordão afastaram-se immediatamente, ennojadas com aquella negrura, e o homem de Satan, o primeiro negro, apenas mergulhou os pés e as mãos no lodo.

E por isso só as palmas das mãos e dos pés ficaram brancas.

Furioso com o seu desastre, Satanaz perdeu a cabeça e pegou um famoso murro na cara do seu negro, um murro que lhe achatou o nariz e lhe fez inchar os labios.

O desgraçado preto pediu misericórdia, e Satanaz, passando o primeiro momento de furia, comprehendendo que no fim de contas o negro não tinha nenhuma culpa de ser assim, teve dó d'elle, arrependeu-se de repente do seu genio e acariciou-o, passando-lhe a mão pela cabeça.

Mas a mão do diabo queima tudo em que toca: crestou o cabelo do negro como se os seus dedos fossem ferros de frisar.

E foi d'ahi que o preto ficou com carapinha.

DISSERT

N'uma sessão de alta magia: — Agora, meus senhores, aqui teem este armario... Peço a qualquer senhora a fineza de entrar n'elle, porque affianço que desapparecerá incontinentemente...

Diversos maridos (ás mulheres): — Vae tu, filhinha... vae tu...

A proposito da hydrophobia: Contava alguém diante de S. Roque, que um de seus amigos tinha sido *devorado* por um cão, e que tinha succumbido logo victima das feridas.

— Oh! que desgraçado! exclamou elle, e quem sabese de mais a mais o cão não estaria damnado!

Um beberão, aconselhado por um amigo, entra n'um botiquim para tomar uma chicara de chá.

— Uma chicara de chá com aguardente, disse elle.

E quando o caixeiro estava ao pé do balcão:

— Olha uma chicara de chá com aguardente mas... *sem chá*, ouviste?

Calino em palestra:

— Senhores, estando provado que nos desastres dos caminhos de ferro, o ultimo carro é o que mais soffre, proponho a sua supressão.

ANNUNCIOS

Comarca de Villa Verde EDITOS DE 30 DIAS

Pelo juizo de direito da comarca de Villa Verde e cartorio do escrivão Faria, correm editos de 30 dias a citar todos os interessados, credores e legatarios desconhecidos, e os interessados ausentes em parte incerta Maria Rosa Lopes, Antonio Lopes e Maria Lopes, para deduzirem o seu direito e fallarem a todos os termos do inventario orphanologico a que se procede por obito de Maria Rosa Alves e marido Manoel

Lopes, moradores que foram na freguezia d'Athães, sem prejuizo do seu andamento.

Villa Verde, 18 d'Abril de 1887.

Verifiquei a exactidão.
O Juiz de Direito,
Magalhães.
(60 a) O escrivão,
Manoel Henrique de Faria.

Comarca de Villa Verde EDITOS DE 30 DIAS

Pelo juizo de direito da comarca de Villa Verde e cartorio do escrivão Faria, correm editos de 30 dias a citar João Gonçalves Lima, Manoel Gonçalves Lima, José Gonçalves Lima, Domingos Gonçalves Lima e Marcellino Gonçalves Lima, ausentes em parte incerta, e todos os interessados e legatarios desconhecidos, e credores, para fallarem, querendo, a todos os termos do inventario a que se procede por obito de Maria Rosa Fernandes, moradora que foi no lugar de Refonteiro, freguezia de Gondoriz, e querendo deduzirem seu direito como a lei lhes faculta, sem prejuizo do andamento regular do mesmo inventario.

Villa Verde, 20 d'Abril de 1887.

Verifiquei a exactidão.
O Juiz de Direito,
Magalhães.
(61 a) O escrivão do inventario,
Manoel Henrique de Faria.

Comarca de Villa Verde EDITOS DE 30 DIAS

Pelo juizo de direito da comarca de Villa Verde, e cartorio do escrivão Faria, correm editos de 30 dias a citar todos os interessados, credores e legatarios desconhecidos, para deduzirem o seu direito e fallarem a todos os termos do inventario orphanologico a que se procede por obito de Maria Joaquina Soares da Costa, moradora que foi na freguezia de Travassós, sem prejuizo de seu andamento.

Villa Verde, 22 d'Abril de 1887.

Verifiquei a exactidão.
O Juiz de Direito,
Magalhães.
(62 a) O escrivão,
Manoel Henrique de Faria.

Comarca de Villa Verde ARREMATAÇÃO

Pejo juizo de direito d'esta comarca e repartição de fazenda, no dia 15 de Maio proximo, ás 10 horas da manhã e á porta do tribunal judicial, se tem de proceder á arrematação dos bens penhorados na execução que a Fazenda Nacional promove contra José Domingues, casado, do lugar de Reiriz, freguezia de Novogilde, d'esta comarca, para pagamento da quantia de 25153 réis de contribuição predial do anno de 1885, além dos juros da mora,

sellos e custas da execução, cujos bens são os seguintes:

Uma leira de terra lavradia e vidonho chamada da Torre, sita no lugar de Reiriz, freguezia de Novogilde.

Uma leira de terra, lavradia e vidonho chamada do Ribeiro, sita na freguezia do Doçãos.

Pelo presente são citados todos os credores incertos e residentes fora da comarca, para assistirem aos termos da execução, querendo, sob pena de revelia.

Villa Verde, 23 de Abril de 1887.

Verifiquei a exactidão.
O Juiz de Direito,
Magalhães.
(63 a) O escrivão de fazenda,
João Augusto de Seixas.

Comarca de Villa Verde EDITOS DE 30 DIAS

Pelo juizo de direito d'esta comarca de Villa Verde e cartorio do escrivão Machado, correm editos de 30 dias citando todos os credores incertos, herdeiros e legatarios desconhecidos ou residentes fóra da comarca, que se julnem com direito ao espolio do finado Manoel de Brito, casado, morador que foi na freguezia de Santa Marinha d'Oleiros, para os fins ordenados nos 3.º e 4.º do art.º 696 do Cod. do Proc. Civ.

Villa Verde, 25 de Abril de 1887.

Verifiquei a exactidão.
O Juiz de Direito,
Magalhães.
O escrivão,
Gregorio de Carvalho Ozorio Machado. (64 a)

REGULAMENTO PARA A LIQUIDAÇÃO E COBRANÇA DA CONTRIBUIÇÃO DE REGISTO
Approvado por decreto de 31 de Março de 1887
(Com os modelos respectivos)

Preço 80 rs.—Pelo correio, franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas.

Á livraria — *Cruz Coutinho* — Rua dos Caldeireiros, 18 e 20 — PORTO.

FLOR DE MYOSÓTES ROMANCE ORIGINAL POR ALBERTO PIMENTEL

A' venda brevemente.

Arrenda-se a quinta, denominada de Castro, com as suas portenças, na freguezia de Carrazedo, concelho de Amares.

Quem a pretender pôde apresentar as suas propostas, na sua casa de Amares, ou na de Braga, no campo de Santa Anna, ao exc.º snr. Martinho de Mello Barata Marinho Falcão, que obsequiosamente se presta a recebê-las. (63)

Privilegio exclusivo por 45 annos

ELIXIR DEPURATIVO VEGETAL DE CARDOSO

Pharmaceutico plenamente approvado pela Eschola Medicocirurgica do Porto

Este excellente medicamento é ha muito tempo applicado pelos exc.^{mos} medicos com bom resultado contra as molestias da pelle, como: herpes, pustulas, erysipela, sarna, ulceras. No rheumatismo, escrophulas, syphilis em todos os graus e mais molestias provenientes d'ella, e do uso excessivo do mercurio.

Emfim em todas as molestias que tem origem na impureza do sangue.

Deposito em Braga, pharmacia dos Orphãos.

Deposito em Villa Verde, pharmacia Central.

PREÇO DO FRASCO 600 RÉIS.

(55 a)

A MARTYR

A melhor publicação de Emile Richebourg, auctor dos interessantes romances: **A MULHER FATAL, DRAMAS MODERNOS e outros**

1.^a parte, **TREVAS**; 2.^a parte, **LUZ**; 3.^a parte, **ANJO DA REDEMPÇÃO**

Edição illustrada com magnificas gravuras francezas e com excellentes chromos executados na lithographia Guedes, versão de Julio de Magalhães, 10 réis cada folha, gravura ou chromo 50 réis por semana, dois brindes a cada assignante.

A' sorte pela loteria — 100\$000 em 3 premios para o que receberão os snrs. assignantes em tempo opportuno uma cautela com 5 numeros.

No fim da obra — um bonito album com 2 grandiosos panoramas de Lisboa, sendo um desde a estação do caminho de ferro do norte até á barra (19 kilometros de distancia) e outro é tirado de S. Pedro d'Alcantara, que abrange a distancia desde a Penitenciaria e Avenida até á margem sul do Tejo.

Assigna-se no escriptorio da empresa editora Belem & C., rua da Cruz de Pau, 26, 1.^a — Lisboa.

BIBLIOTHECA DO CURA D'ALDEIA

211, Rua do Almada, 217 — Porto

A FELICIDADE

POR

HENRIQUE PERES ESCRICH

Está em distribuição o primeiro fasciculo d'este notavel romance, que póde sem reccio entrar no santuario da familia. E' ornado de primorosas gravuras de pagina, cujas gravuras serão distribuidas gratuitamente a todos os snrs. assignantes.

Recommendamos a leitura d'esta esplendida obra aos amadores dos bons livros.

Condições da assignatura para as provincias:

A expedição é feita de quinze em quinze dias, com a maior regularidade, aos fasciculos de 96 paginas e uma gravura, pelo modico preço de 120 réis cada fasciculo, franco de porte, pagamento adiantado. Nas terras onde a empresa não tiver correspondentes, as pessoas que desejarem assignar deverão remetter no acto de fazer a assignatura a importancia de um ou mais fasciculos.

As pessoas que enviarem quantia não inferior a 600 réis, receberão na volta do correio aviso de recepção, ficando por este modo certos de que não houve extravio.

Quem angariar 10 assignaturas receberá um exemplar gratis.

A empresa precisa de correspondentes em todas as principaes terras do reino, onde ainda os não tenha; garantido aos mesmos uma commissão vantajosissima. Recebe propostas n'este sentido.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á **EMPRESA LITTERARIA E TYPOGRAPHICA**, editora, 211, rua do Almada, 217 — Porto.

BIBLIOTHECA DE PROPAGANDA RELIGIOSA (OPUSCULO QUARTO)

OS PROBLEMAS

DO

SEculo XIX

Conferencias do Cardeal Alimonda pregadas na igreja metropolitana de Genova.

Editor — J. C. P. da Cruz

Preço 100 rs. — A' venda na Imprensa Civilização, Santo Ildefonso, 73 a 77 — Porto.

A Estação

Journal illustrado de Modas para Senhoras publicandose annualmente:



24 numeros de 8 paginas, illustrados com mais de 2000 gravuras representando artigos de toilette para senhoras, roupa branca, vestuarios para crianças, enxovals, roupa branca e vestuarios para homens e meninos, atalhados, objectos de mobilia, adorno de casa, etc. todo o genero de trabalho de agulha, bordado branco e a matiz a ponto de marca, de ornatos, costura ou renda, pontos em claro sobre renda, cebraia ou filó, renda irlandeza, bordado em filó, crivos — todo o trabalho de tapeçaria, tricôt, crochet, frivolité, guipure, ponto atado, renda de bilro — flores de papel, panno, pennas, finalmente mil obras de fantasia que seria longo relatar.

O texto que lhes fica junto clara e minuciosamente descreve e explica todos esses desenhos, ensinando o modo de executar os objectos que representam.

12 folhas grandes contendo além de numerosos monogramas, iniciaes e alphabets completos para bordar em relevo ou a ponto de marca, 200 moldes pelo menos, em tamanho natural, completados, segundo as necessidades com moldes reduzidos indicando claramente a disposição das partes de que se compõe o modelo e mais de 400 desenhos de bordado branco, matiz, soutache, etc. Cumpra notar-se que essas folhas comparadas ás de qualquer outro journal são-lhes muito superiores, pois que em igual superficie publicam tres ou quatro vezes mais material.

36 figurinos de modas, escoleridos primorosamente a agnarella por artistas de merito em formato igual ao do jornal.

Para prova da superioridade incontestavel d'essa publicação e verificação de que realmente os seus 24 numeros e 12 folhas de moldes contém maior quantidade de modelos do que outro qualquer journal de modas, enviar-se-ha gratuitamente um numero specimen a quem o pedir por escripto.

Assigna-se em todas as livrarias, e na de **ERNESTO CHARDRON** — Porto. Principia no dia 1.^o de qualquer mes.

PREÇO EM TODO O REINO:

Um anno 4\$000
Seis meses 2\$100
Numero avulso 200

LIVRO SACRO

OU

CURSO DE DOCTINA CRISTÁ

PARA USO DAS ESCHOLAS PRIMARIAS

Coordenado conforme o novo programma do governo para o exame d'instrução primaria e elemental e d'admissão aos lyceus nacionaes, e para os meninos se habilitarem sem difficuldade a receber a sagrada communhão, etc., com permissão e approvação do Em.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Cardeal, Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto.

POR

FRANCISCO D'ASSIS PINHEIRO

Director e proprietario do Collegio de S. Francisco, no Porto, e socio da Sociedade de Geographia Commercial, da mesma cidade.

2.^a edição

A' venda na livraria **CRUZ COU-TINHO**, editora, rua dos Caldeiros n.^o 18 a 20 — PORTO.

A ESTRELLA DE NAZARETH

LENDAS E TRADIÇÕES DA TERRA SANTA SOBRE A SANTISSIMA VIRGEM

POR D. LUIZ GARCIA LUNA

TRADUÇÃO DE

A MOREIRA BELLO

COM APPROVAÇÃO DO EM.^{mo} SNR. CARDEAL BISPO DO PORTO

5 VOLUMES 2\$500 rs. — Está concluida esta interessantissima obra prima de litteratura christá, o melhor romance n'este genero até hoje publicado, com um bellissimo enredo e magnificas gravuras de pagina, constituindo assim uma verdadeira joia litteraria e historica.

Vende-se em todas as livrarias do reino e na *Bibliotheca Malheiro*, de Manoel Malheiro, editor, a quem deverão ser feitas as requisições, acompanhadas da respectiva importancia, para a rua da Picaria n.^o 85 a 87 — Porto.

Não será satisfeita requisição alguma que não seja acompanhada da respectiva importancia.

Vende-se igualmente em Braga no estabelecimento de sola dos snrs. *aria, Ferreira & C.^a*, Largo de S. Francisco n.^o 9.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

MANOEL JOAQUIM ANTUNES

EM VILLA VERDE

Tem á venda no seu estabelecimento todos os generos proprios d'uma casa d'esta ordem, e bem assim grande variedade de vinhos finos engarrafados e bebidas brancas de todas as qualidades. Tabacos de todas as fabricas e variedade de algodões, retrozes e mais miudezas, que tudo vende por preços muito modicos.

IMPRENSA CATHOLICA

CAMPO DOS REMEDIOS N.^o 4-C

BRAGA

Acha-se estabelecida esta typographia com o fim principal de facilitar a propagação de obras catholicas populares, quer originaes de escriptores portuguezes, quer traduzidas de outras linguas.

Além d'isto offerece-se ao publico com os preços mais convidativos para a impressão de todo e qualquer trabalho typographico, desde o bilhete de visita, facturas, etc., até aos trabalhos mais importantes, em que garante toda a nitidez e promptidão.

Os snrs. editores e auctores de qualquer localidade que confiarem a esta typographia as suas obras poderão dispensar-se, querendo, do trabalho de revisão, visto haver no estabelecimento um revisor privativo, e da maior competencia.

Qualquer requisição póde ser dirigida ao director da — **IMPRENSA CATHOLICA**, Campo dos Remedios n.^o 4-C — BRAGA.

AS OBRAS DE SANTA THEREZA DE JESUS

TRADUÇÃO PORTUGUEZA

FEITA SOBRE A GRANDE EDIÇÃO DOS ORIGINALS PHOTOGRAPHADOS, E DEIXANDO VÉR O ESTYLO E AS PROPRIAS EXPRESSÕES DA GRANDE ESCRITORA.

Vae publicar-se o 2.^o volume.

Está á venda o 1.^o vol. — **CAMINHO DA PERFEIÇÃO** — com o retrato de Santa Thereza, um formoso volume, nitidamente impresso — 500 réis.

Em Lisboa: Lavado, rua Augusta, 91; Pacheco, C. do Carmo, 6, 4.^o

Deposito: Escriptorio da lithographia Castro, Luadso Dou-radores, 10, onde se faz abatimento para livroveiros, casas religiosas e de educação.

Em Braga: Vende-se na portaria do convento das Therezinas.

Em Guimarães: R. de S. Damaso, Teixeira de Freitas.